

APRENDER PARA ENSINAR: RESSIGNIFICANDO FERRAMENTAS DE TRABALHO PARA QUALIFICAR A EDUCAÇÃO DE JOVENS

Aline Ádria Candido Ribeiro Borges ¹
Camila Cristine Viana Mendes ²

RESUMO

O seguinte trabalho tem como finalidade discutir a importância da formação pedagógica e apresentar os Grupos de Trabalho (GT's) como nova proposta metodológica do projeto Preparatório para o Ensino Médio, desenvolvido pela organização social Redes de Desenvolvimento da Maré. Esta proposta visa o debate e percepção de temas que envolvem a sala de aula, como violência, racismo e machismo. Destaca também a importância da formação e reflexão docente e dos demais integrantes que compõem a instituição escolar. A partir de sugestões e indicações da equipe do projeto, os temas, juntamente ao debate, tornaram-se enriquecedores e profundos, até mesmo com temáticas sensíveis. Através de Freire, Burgos e outros autores que abordam os processos de ensino aprendizagem como ferramenta formadora de sujeitos, esse artigo tem como objetivo pensar a prática docente. Como resultado, é possível perceber que estimular a escuta e o diálogo não só dos estudantes, mas de todos os profissionais da educação, promove novas percepções para o ambiente escolar, em especial à sala de aula, além da perspectiva de uma educação como ferramenta de combate a situações depreciativas e violentas. A instituição escolar pode promover desigualdade, mas também criar um ambiente de acolhimento e novos olhares, e dessa maneira, propostas como a do Preparatório promovem igualdade, justiça e, sobretudo, reflexão.

Palavras-chave: Formação pedagógica, Grupos de Trabalho, Relato de experiência, Educação de jovens, Reflexão docente.

INTRODUÇÃO

Educar é estar em contato com demandas reais que interferem no ambiente da sala de aula. É lidar com pensamentos e comportamentos enraizados e nunca discutidos, que podem dificultar a relação professor x aluno, principalmente se o corpo docente não estiver disposto a trabalhar e lidar com essas questões em seu sentido mais profundo, entendendo que educação é mais que uma mera reprodução de conteúdo. Nessa perspectiva, situações de racismo, machismo e violência de gênero são apresentadas ao cenário educacional, sendo urgente a necessidade de uma reconstrução pedagógica para lidar com essas reproduções discriminatórias. A partir dessa necessidade, o Preparatório para o Ensino Médio, projeto

¹ Especialista em Políticas de Gênero e Direitos Humanos, graduada pelo Curso de Serviço Social, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, alineadria@redesdamare.org.br;

² Graduada pelo Curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, camilamendes@redesdamare.org.br.



social que atua com adolescentes do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro, passou a desenvolver, em 2022, como estratégia de formação de equipe e, mais do que isso, de integralização do processo de ensino-aprendizagem, Grupos de Trabalho (GT's) para a discussão e reflexão da equipe no que se refere à prática de uma educação antirracista, antimachista e antissexista. Marcelo Baumann Burgos afirma que:

(...) o grande desafio ora colocado é permitir que o sujeito por trás do aluno seja levado em conta pela escola, e isso ganha contornos dramáticos quando se lembra a questão do multiculturalismo e a necessidade de se reconhecer as diferenças externas aos muros da escola (BURGOS, 2014, p. 12)

Dessa maneira, respeitar e preservar a individualidade do outro é um desafio cada vez mais complexo à escola, principalmente tendo em vista o contexto em que ações mais violentas e intolerantes ocorrem socialmente. Por mais que a instituição escolar tente promover um ambiente igualitário, cabe lembrar que os indivíduos – estes não só limitados ao aluno, mas todos que compõem o cenário educacional: professores, coordenadores, equipe social e assistentes/administrativos – trazem situações de violência, simbólicas ou não, para a sala de aula, o que resulta em comentários, brincadeiras e, neste momento pensando nas relações estudantis, até mesmo casos de violência física, como tapas e socos, por exemplo.

Sendo assim, este trabalho teve sua elaboração a partir de uma nova proposta metodológica aplicada no Preparatório para o Ensino Médio, da organização social Redes de Desenvolvimento da Maré. A pandemia da COVID-19 e seus desdobramentos no âmbito da educação, permitiu à equipe do projeto, perceber de maneira mais integral, a importância do trabalho realizado com os jovens beneficiários, considerando não apenas o acesso à educação, mas os atravessamentos que impactam esse acesso e o processo de aprendizagem dos alunos. Reconfigurações e novas estratégias foram elaboradas e executadas ao longo dos anos de 2020 e 2021, principalmente buscando tornar os processos educacionais e de aprendizagem mais interessantes e ricos para os alunos.

Esse movimento permitiu à equipe, composta por educadores, assistente social, psicóloga, assistentes de coordenação e coordenações pedagógica e executiva, observar a importância de expandir para si as metodologias aplicadas em sala de aula. Dessa maneira, após reflexão, conversas e uma imersão de dois dias para pensar o curso Preparatório, no âmbito das atividades realizadas e no planejamento para o ano seguinte, foi possível construir a proposta dos GT's temáticos que acontecem a partir da divisão da equipe em três grupos menores, responsáveis, cada uma deles, pela leitura e discussão de um texto que trate de algum aspecto de uma temática mais ampla, definida previamente pela equipe, como, por

exemplo, transgeneridade na adolescência. Após a discussão isolada dos grupos, é realizado um encontro onde eles apresentam seus respectivos textos e, a partir disso, as percepções e dúvidas são exploradas coletivamente por toda a equipe.

Assim, este artigo pretende apresentar essa nova metodologia que está sendo desenvolvida pelo projeto, buscando instrumentalizar outros projetos e ações na área da educação, a elaborar e executar propostas que conformem um processo de aprendizagem integral que inclua e promova acesso a todos os atores envolvidos, desde os alunos e suas famílias, aos profissionais.

Não obstante a proposta inicial de realizar os Grupos de Trabalho voltados à educação antirracista, antimachista e antissexista, é importante estabelecer que, tal como qualquer processo, este também recebe ressignificações a todo momento, através do que é executado, do que é apreendido em sala de aula e das necessidades apresentadas pelos alunos.

Contemporaneamente, diante de tantos cenários complexos e desafiadores que vão se descortinando, de uma humanidade revelando-se cada vez mais distante de sua própria humanidade, da dificuldade para o diálogo, da realidade discursiva monológica sobrepondo-se à dialógica, além de antigas fórmulas e métodos que não mais parecem fornecer respostas satisfatórias, torna-se necessário refletir e buscar alternativas que possam subsidiar eventuais ações que alcance enfrentar tal contexto incômodo presente também na cena escolar. (GOMES; LOBATO, 2021, sem página)

Deste modo, é possível afirmar que o que se busca com a proposta dos Grupos de Trabalho, é a formação continuada da equipe do projeto, visando a não reprodução de violências em sala de aula e extravasando esse conhecimento para os responsáveis pelos alunos, entendendo que

Em termos especificamente institucionais, a ação escolar seria marcada por uma espécie de “reprodução” difusa de efeitos oriundos de outros contextos institucionais molares (a política, a economia, a família, a mídia etc.), que se fariam refletir no interior das relações escolares. (AQUINO, 1998, p. 8)

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para este trabalho é uma abordagem empírica do projeto em relação aos Grupos de Trabalho e como estes proporcionam uma maior reflexão e consequências positivas em sala de aula. No ambiente escolar, é comum ouvir comentários acerca do cabelo, tom de pele, roupa, orientação sexual, etc., que causam desconforto e mal-estar nos alunos alvos das “piadas” dos colegas de turma, quando não, dos próprios profissionais responsáveis pela formação desses alunos. Esse comportamento demonstra a reprodução de violência que não é falada, uma vez que os alunos entendem agressão somente

como a violência física, ignorando toda e qualquer outra forma de opressão. Sendo assim, a partir das experiências compartilhadas pelos educadores em reuniões de equipe, e, pensando nos assuntos com maior necessidade de abordagem, foi possível construir, mensalmente, estudos e discussões sobre os casos e demandas trazidos pela equipe, com o intuito de pensar em processos mais próximos e igualitários para os alunos.

Dessa forma, a partir da definição de assuntos a serem trabalhados, constituiu-se a metodologia através da qual os Grupos de Trabalho são realizados: a) a equipe foi dividida em três grupos, levando em consideração a disponibilidade dos integrantes para os encontros para discussão de seu respectivo texto; b) a cada um dos grupos, é atribuída a leitura de um texto, que discuta alguma temática relacionada ao assunto do GT e que converse com atravessamentos em sala de aula e do cotidiano da equipe e dos alunos; c) cada um dos grupos se encontra para discutir seu texto e levantar questões que serão trabalhados no GT; d) após esses encontros dos grupos, é realizada a reunião onde todos os grupos se juntam para apresentar seu texto e, então, são feitas as conexões e interseções entre os textos e as temáticas; e e) quando pertinente, a discussão é ampliada, posteriormente, em alguma atividade prática e/ou dinâmica com a equipe, buscando trabalhar as possibilidades de atuação vislumbradas e pensar nas estratégias de replicação do conteúdo e da atividade com os alunos, em sala de aula, e também, com os responsáveis.

Assim, este trabalho é um relato de experiência dos Grupos de Trabalhos realizados até o momento pelo Preparatório para o Ensino Médio, que conformam e são conformados pela prática profissional, pelas metodologias utilizadas em sala de aula e pelas estratégias pensadas e adaptadas para melhor atender às demandas e atravessamentos trazidos pelos jovens assistidos. Sua escrita se deu a partir da observação participante das autoras nos encontros mensais, tal como de sua vivência cotidiana no projeto, integrando e refletindo sobre as atividades realizadas com os alunos e seus responsáveis, assim como com a equipe do projeto.

REFERENCIAL TEÓRICO

Paulo Freire (2013) afirma que o diálogo e reflexão sobre diferentes visões de mundo são importantes para o processo de ensino aprendizagem. Dessa maneira, dialogar com o aluno é construir pontes para o saber, a permanência de vínculos e olhares às diferentes realidades e expectativas de cada discente. Partindo da perspectiva de Freire de que dialogar é o caminho eficaz para a educação, cabe estimular e efetivar o diálogo também dos demais

atuantes do processo educacional: os profissionais da educação. Dessa maneira, proporcionar um ambiente em que não só o docente, como toda a equipe, possa comentar, apresentar suas percepções e refletir sobre questões que atravessam a educação é uma ferramenta de suporte educacional e de acolhimento aos demais envolvidos no processo, como aborda Freire:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de *estar sendo com* as liberdades e não *contra* elas. (FREIRE, 2013, p. 96)

Com o intuito de que todos sejam sujeitos do processo de formação do indivíduo e de que juntos possam aprender - o que, na verdade, é a ideia da educação horizontal, também definida por Freire - pensar em Grupos de Trabalho que tenham como instrumento o diálogo, é permitir novas estratégias e metodologias conscientes. Relacionado à importância do diálogo entre o corpo educacional, há a necessidade de uma (re)elaboração da formação docente, como destaca Nilma Lino Gomes:

A formação de professores/ras tem sido uma preocupação constante do campo da educação. O MEC, a universidade, os centros de formação de professores, as escolas, enfim, todos se preocupam e concordam que é preciso hoje formá-los mais adequadamente tanto em seu percurso inicial quanto em serviço. Mas apenas investir numa melhor formação não é o suficiente. A formação de professores/ras, sobretudo a que visa a diversidade, deveria considerar outras questões, tais como: como os/as professores/ras se formam no cotidiano escolar? Atualmente, quais são as principais necessidades formadoras dos/das docentes? Que outros espaços formadores interferem na sua competência profissional e pedagógica? Que temas os/as professores/ras gostariam de discutir e de debater no seu percurso de formação e no dia-a-dia da sala de aula? E que temáticas sociais e culturais são omitidas, não são discutidas ou simplesmente não são consideradas importantes para a sua formação profissional e para o processo educacional dos seus alunos? (GOMES, 2003, p. 169)

Sendo assim, analisando a afirmação de Gomes, vale reforçar que a formação do corpo docente não ocorre somente durante o período de graduação, mas sim em cada momento de atuação em sala de aula. Formar componentes do processo educacional é permitir que estes possam apresentar suas demandas e, a partir delas, construir estratégias para atuar de maneira a promover práticas combativas a situações discriminatórias e vexatórias, não somente aos professores e alunos, mas a toda comunidade escolar.

Ainda segundo a autora, vale questionar as temáticas sociais que implicam em sala de aula, como racismo e machismo, por exemplo. Por mais que existam literaturas que relacionem esses assuntos à educação, ainda é pouco incentivado aos profissionais a discussão destas práticas, visto que a instituição escolar pouco promove formações ao seu corpo.



Muitas instituições escolares qualificam como satisfatório o modelo de educação tradicional, tendo como finalidade manter o aluno quieto e concentrado nos conteúdos. Dessa maneira, o conceito de educação de qualidade é aquele que mantém o “foco” do aluno, transmitindo a ele todos os conteúdos necessários para aprovação. Entretanto, vale ressaltar que educar, como já afirmado neste trabalho, é discutir o real e urgente, além de tópicos de disciplinas e provas. Desse modo, o comentário acerca do cabelo crespo de um(a) aluno(a) ou a vestimenta de uma colega de turma, são assuntos de responsabilidade escolar. Pensando nesta temática, vale citar a Lei 9394/ 96, de Diretrizes e Base da Educação Básica, Título II – Dos princípios de educação nacional, que apresenta:

Art. 3º: O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios (do I ao XI):

III – Pluralismo das ideias e concepções pedagógicas;

IV – Respeito à liberdade e apreço à tolerância (BRASIL, 1996)

Conversando com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Básica, há o Plano Nacional da Educação (PNE) que destaca questões fundamentais para a educação, presente no Artigo 2º, da Lei número 13.005/2014,

III - superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação;

IV - melhoria da qualidade da educação;

V - formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade. (BRASIL, 2014)

Dessa maneira, analisando o direito do indivíduo à educação, de acordo com o modelo estabelecido por lei, é primordial a formação de uma consciência combativa às situações de violência vivenciadas por todos que compõem o processo de ensino aprendizagem e, entendendo e considerando o papel do Preparatório na vida e formação cidadã dos jovens assistidos, foi pensada a metodologia para a prática de uma educação que não reproduza violências.

No Preparatório preza-se por relações horizontais, entendendo que cada indivíduo envolvido no processo educacional é responsável por contribuir de alguma maneira pela formação de sujeitos de direitos. Tem-se então que, como apontado por Gomes e Lobato, “o diálogo como elemento intrínseco à condição humana e essencial das relações sociais, torna-se indispensável para o “ser humano” frente aos demais processos de humanização” (2021, sem página).

O projeto, dessa forma, considera que as situações devam ser pensadas e trabalhadas a partir do momento de sua manifestação e que, por vezes, a demora em buscar uma resolução ou apenas, em se mostrar disposto a considerar o que é falado pelo outro, pode resultar em



novas violências. Como afirmado por Lopes e Gasparin, “a falta, portanto, de um projeto político-pedagógico que contemple essas questões reduz as ações desenvolvidas a esforços solitários, fragmentados, tendentes ao fracasso” (2003, p. 301).

se corre muito mais para apagar focos de incêndio, representados pelos inúmeros casos de violência e indisciplina, do que para se buscar detectar e sanar a origem dos incêndios. Na verdade, a própria dinâmica escolar não favorece o trabalho coletivo que esta questão exige. (LOPES; GASPARIN, 2003, p. 301)

A elaboração e implementação, contudo, de tal projeto político pedagógico é resultado de processos, de trocas, de reflexão contínua e reestruturações sempre que necessário. É nesse sentido, que o projeto, através das formações pedagógicas e dos Grupos de Trabalho, se vê cada vez mais inserido na realidade dos alunos e dos profissionais que o compõem. Ana Canen e Antônio Flávio Barbosa Moreira apresentam a ideia da formação docente como estratégia de combate às diferenças culturais:

Considerar a pluralidade cultural no âmbito da educação e da formação docente implica, portanto, pensar formas de se valorizar e se incorporar as identidades plurais em políticas e práticas curriculares. Implica, também, refletir sobre mecanismos discriminatórios ou silenciadores da pluralidade cultural, que tanto negam voz a diferentes identidades culturais, silenciando manifestações e conflitos culturais, como buscam homogeneizá-las em conformidade com uma perspectiva monocultural. (CANEN; MOREIRA, 1999, p.12)

Entretanto, é possível ampliar a afirmação dos autores a todos os cenários sociais e culturais repressivos, e, para além disso, promover todos os critérios estabelecidos nos documentos Lei de Diretrizes e PNE.

Nesse sentido, essas relações humanas e necessárias existencialmente, sempre serão permeadas de subjetividades e expectativas. E no momento em que se criam esses vínculos e a interação social se estabelece entre os ‘eus’ e os ‘outros’ – sujeitos com distintas crenças, valores, interesses, perspectivas, sentimentos, emoções e experiências –, não raro, acabam também surgindo desentendimentos entre eles, desencadeando conflitos. Não havendo como ignorar esse fenômeno corriqueiro e natural nas relações interpessoais, inerente à condição humana e que faz parte no processo educacional. (GOMES; LOBATO, 2021, sem página)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Preparatório para o Ensino é um projeto que tem por objetivo contribuir para a inclusão social dos jovens moradores da Maré, com enfoque no aumento do acesso à educação. Para cumprir tal objetivo, sua operacionalização conta com desde a oferta aulas regulares - das disciplinas de Português e Produção Textual, Matemática, História e Introdução à Filosofia, Geografia, Química, Física, Biologia e Formação em Cidadania e



Educação Ambiental, a realização de reuniões de equipe semanais, passando pelos encontros mensais com pais e responsáveis e pela realização de aulas campo e visitas institucionais.

As aulas de Formação em Cidadania e Educação Ambiental, disciplinas complementares que compõem o quadro do projeto, são espaços para desenvolvimento de uma conscientização social, política e ambiental dos jovens, através do uso da cultura popular e periférica, de dinâmicas, vídeos, textos, conversas e debates que trabalham diretamente a incidência política, mobilização e questões ambientais que afetam e impactam o cotidiano da Maré e da sociedade. Estas disciplinas buscam não só instrumentalizar os alunos para o desenvolvimento de uma consciência social e crítica, mas, acima de tudo, a conversão de indivíduos reprodutores em sujeitos problematizadores. É também nesse espaço que surgem as ferramentas - através das demandas apresentadas pelos alunos - para um projeto em constante aperfeiçoamento.

O projeto sempre prioriza o diálogo e a não reprodução de violências, o que possibilita também trazer questões de natureza estudantil, ou seja, manifestar ações apresentadas pelos próprios estudantes, como o tema do primeiro Grupo de Trabalho, por exemplo. No Preparatório, os alunos são apresentados a uma urna, espaço próprio do projeto para que eles depositem seus comentários, críticas, sugestões e até mesmo elogios, a fim de uma constante capacitação da equipe. Dessa maneira, as sugestões de temas podem ser pensadas através de comentários dos próprios discentes, fortalecendo o vínculo com o projeto. Educar é para e pelo aluno, e, sendo assim, o Preparatório abre espaço para os comentários destes jovens, pensando em atividades que possam ser elaboradas até mesmo com os demais alunos, possíveis participantes do projeto nos anos seguintes.

As reuniões de equipe se configuram como instrumento fundamental na construção de um grupo coeso, articulado e integrado, além de viabilizar a elaboração e estruturação das atividades promovidas pelo projeto. Tais encontros permitem constante adaptação e replanejamento a partir das necessidades apresentadas em sala de aula, assim como o acompanhamento dos alunos através dos relatos dos educadores e da troca com a equipe social. Foi nesse espaço de construção que os Grupos de Trabalho tomaram forma.

Da escolha e leitura dos textos, passando pela sua discussão, problematização e desdobramentos, no que se refere às formas de lidar com os alunos e como replicar o que foi estudado para os pais, os GT's se configuram enquanto espaço de troca, no qual cada grupo expõe sua percepção, desde a facilidade de leitura, do que sentiram falta e dos pontos que consideram problemáticos, ao que é válido e se aplica à realidade do projeto, sempre considerando posicionamentos e contextos diversos - dos alunos, dos responsáveis, da

sociedade. Vale destacar que os textos servem como base para pensar propostas de novas atividades, seja a partir do que é observado como positivo e instrutivo, como o que não funciona e precisa ser melhor problematizado. Além disso, o encontro é mediado pela coordenação executiva do projeto, que anota os pontos principais trazidos pelos grupos e sistematiza, inclusive, o momento de interseção entre eles.

Assim, a experiência com os GT's tem se mostrado uma ferramenta eficaz não só de formação e integração da equipe, como, principalmente de reflexão sobre a importância do trabalho realizado pelo projeto e sobre as formas de qualificá-lo cada vez mais. É importante reforçar que os GT's ainda estão em desenvolvimento e, portanto, em constante mudança para responder melhor às necessidades da equipe, da discussão e do processo formativo desejado, e que essa construção não se esgota nos encontros sendo analisada pela equipe ao longo da semana.

Com isso, detalhes como a duração do encontro e o tempo de fala de cada grupo já sofreram alteração. Enquanto o primeiro GT foi pensado para ter 1:30h de duração, se percebeu que esse tempo não é suficiente para todos os grupos exporem suas observações e os demais grupos fazerem seus comentários, o que enriquece o debate, principalmente ao cruzar os diferentes pontos de vistas e posicionamentos dos autores e dos grupos. Assim, o primeiro GT acabou sendo dividido em duas partes, enquanto o segundo, aconteceu em um encontro de 3:30h, rendendo mais. Nessa nova estrutura, cada grupo teve entre 20 e 30 minutos de explanação, seguidos de 20 minutos para as trocas e os últimos momentos do encontro se destinaram a responder algumas perguntas norteadoras como "O que podemos levar do que foi aprendido para os alunos e para os responsáveis?", "Que atividade podemos realizar e como podemos realizar?"

Embora os Grupos de Trabalho ainda estejam no início, a equipe já apresentou diferentes sugestões de temas e indicações de leitura, demonstrando interesse em participar e adicionar pautas ao debate. Como exemplo desta afirmação, os encontros já realizados foram sobre assuntos diferentes, embora transversais, ao planejado, surgindo a necessidade de mudança do roteiro a partir das questões trazidas pelos próprios educadores. Inicialmente, a definição do assunto do primeiro GT se deu a partir da proposta da prática de uma educação antimachista e antissexista, mas atravessada por uma situação apresentada em sala de aula, que exigiu a atenção da equipe.

A definição do segundo assunto, da mesma forma, partiu de observações feitas em sala de aula e da percepção de que, em meio ao contexto de pandemia e de todos os impactos desta na educação e na socialização dos jovens, no caso do projeto, ainda mais afetados por serem

moradores de favela, as formas como eles se relacionam entre si e consigo mesmos havia, como todo o resto, sido afetada.

(...) como alternativa escolar à crise sanitária e com o uso de dispositivos móveis, o universo de relações interpessoais entre alunos, professores, gestores e colaboradores, diante do distanciamento social físico imposto, foram bem menores. Nada obstante, perdas múltiplas e dramas humanos foram sentidos. Mas o retorno às atividades presenciais nas escolas, nesse tempo, adquire horizonte educacional. (GOMES; LOBATO, 2021, sem página)

Assim, no terceiro encontro foi trabalhada a temática da violência na escola, conflitos e mediação e, a partir das discussões trazidas pelos grupos e pelos textos estudados, foi possível entender a importância de se pensar atividades práticas - tanto com os alunos, como também, e previamente, com a equipe - que tenham foco na comunicação não violenta, na mediação de conflitos e no reconhecimento, sobretudo, de que a reprodução de violências, por si só, é uma violação.

Indicando que, tal como a educação, a construção de novas ferramentas que possibilitem o acesso a ela, também está condicionada a processos constantes de readaptação, o primeiro GT aconteceu após uma atividade prática que permitiu à equipe perceber que existem formas de trabalhar as questões trazidas pelos alunos, respeitando suas vontades - estas, conformadas pelas relações familiares e interpessoais - mas, sobretudo, que esse respeito traz consigo o desenvolvimento de vínculos com os jovens. Entendeu-se, também, que algumas situações precisam ser tratadas em esferas que extrapolam a sala de aula e tornam-se, ainda, institucionais.

Em outro cenário, a discussão do segundo tema trouxe consigo a necessidade de se pensar uma dinâmica voltada para a prática da equipe de uma comunicação não violenta, restaurativa e/ou de mediação de conflitos, que servirá de suporte para a realização de atividades subsequentes com os alunos e, considerando que as violências não acontecem apenas no âmbito escolar, mas, também em casa, na rua, no cotidiano dos alunos, conseguir replicar tal aprendizado com os responsáveis.

Certamente nem tudo será possível resolver através da mediação, mas certamente muito pode ser feito através do diálogo e da escuta. Uma possibilidade de se firmar e se legitimar no reconhecer os “eus” e os “outros”, numa atitude de abertura dialógica somada a uma capacidade de escuta, que pode ser um meio possível e alternativo para tratar conflitos e forma de enfrentamento à violência, fomentando a prática dialógica. (GOMES; LOBATO, 2021, sem página)

É importante destacar que os Grupos de Trabalho resultam não só em um produto do projeto, uma atividade elaborada pela equipe para receber os alunos e seus responsáveis, mas,



em fundamental, para mudar as práticas pedagógicas, permitindo novos olhares, interpretações e até mesmo novas interações em sala de aula, como afirmam Canen e Moreira:

O horizonte é a formação de um profissional reflexivo multiculturalmente comprometido, isto é, aquele capaz de refletir criticamente sobre seus discursos e suas práticas. Tal profissional procura permanentemente avaliar em que medida suas aulas introduzem e desenvolvem habilidades, conceitos e questionamentos que sejam úteis para os alunos viverem na sociedade multicultural contemporânea e bem responderem a suas características e problemas. (CANEN; MOREIRA, 1999, p. 20)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho ressalta a importância dos Grupos de Trabalho e da formação continuada de todos os profissionais da educação. A partir de maiores reflexões sobre questões sociais, culturais e psicológicas, há a possibilidade de uma educação que fuja dos conceitos tradicionais reprodutivos, que auxiliam e promovem desigualdades. Acredita-se também que, ao criar um espaço de escuta destes profissionais, o acolhimento e participação da equipe passa a ser maior, uma vez que suas demandas estão sendo ouvidas e trabalhadas.

Ainda sobre a escuta dos profissionais da educação, quem, além destes componentes, que estão em contato direto com o educar, podem apresentar sugestões e conflitos mais pertinentes à sala de aula? Só é possível propor um Grupo de Trabalho quando todos estão pertencentes e interessados no tema de estudo. Dessa maneira, refletir sobre aquilo que é visto pela equipe e que atravessa a instituição escolar - dentro e fora de sala de aula - é essencial para novas metodologias e práticas pedagógicas.

Acredita-se que educação é estar atento também a questões externas à sala de aula, além de instigar a reflexão enquanto processo de equipe, isto é, o diálogo entre todos os membros que compõem o corpo educacional. Ademais, afirma-se como fundamental a construção da educação como combate às práticas discriminatórias, pensando que esta é a possibilidade de atuar com mudanças efetivas em situações reais do cotidiano não só do aluno, mas também dos docentes e demais profissionais da educação e comunidade escolar.

AGRADECIMENTOS

À equipe do Preparatório para o Ensino Médio: professores, assistentes de coordenação, psicóloga e assistente social, que permitiram e participaram de todo o processo de escuta e estudo que deram vida a este trabalho. Aos jovens assistidos que, juntamente com as problematizações e demandas trazidas para a sala de aula, alimentam não só o trabalho



realizado pelo projeto, mas a chama e o desejo por uma educação de qualidade que impulsiona toda a equipe.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G. A violência escolar e a crise da autoridade docente. **Cadernos Cedes**, ano XIX, nº 47, dez. 1998. p. 7-19.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

BRASIL.B Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: < www.mec.gov.br > Acesso em: 18 jun. 2022.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. PARECER Nº CNE/ CP 009/201, aprovado em 08/05/2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2022.

_____. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm> Acesso em: 20 jun. 2022.

BURGOS, M. B. (Org.). **A escola e o mundo do aluno: estudos sobre a construção social do aluno e o papel institucional da escola**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2014.

CANEN, A.; MOREIRA, A. F. B. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. **Revista Educação em Debate**, Fortaleza, Ano 21, v. 2, n. 38, p. 12-23, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GOMES, H. M.; LOBATO, V. S. **Conflito escolar, diálogo e mediação de conflitos: interseções e contribuições pós-pandemia**. Rev. @mbienteeducação, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 555-579, set./dez. 2021.

LOPES, C. S.; GASPARIN J. L. Violência e conflitos na escola: desafios à prática docente. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 25, n. 2, p. 295-304, 2003.